

**Tornar-se educador e educadora social: a relação entre as experiências vividas e o cotidiano profissional em SCFV**

**Convertirse en educador y educadora social: la relación entre las experiencias vividas y el cotidiano profesional en los SCFV**

Sandro de Castro Pitano  
Universidade Federal do Rio Grande  
Pelotas-Brasil

Daiane Ramos Borges  
Universidade de Caxias do Sul  
Caxias do Sul-Brasil

**Resumo**

O artigo apresenta os resultados de uma investigação sobre as relações entre as experiências de vida de educadores sociais e sua atuação em Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, a partir dos conceitos de formação permanente (Paulo Freire) e experiência (Jorge Larrosa). Por meio da entrevista narrativa (Daniel Berteaux), com análise de dados (Laurence Bardin), evidenciou-se três categorias de análise: o cotidiano da prática, ruptura e experiência como aprendizagem. A pesquisa demonstrou que há relação entre as experiências de vida com a atuação profissional, na medida em que, ao longo de suas trajetórias, os mesmos vivenciaram experiências de ruptura, desencadeando sentidos que foram e são compartilhados durante o processo pedagógico. Destacou-se, ainda, a potencialidade da narrativa da experiência como possibilidade pedagógica de vínculo, afetividade e confiança.

**Palavras-chave:** Educadores sociais; Experiência; Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

**Resumen**

El artículo presenta los resultados de una investigación sobre las relaciones entre las experiencias de vida de los educadores sociales y su desempeño en los Servicios de Convivencia y Fortalecimiento de Vínculos, a partir de los conceptos de formación continua (Paulo Freire) y experiencia (Jorge Larrosa). A través de entrevistas narrativas (Daniel Berteaux), con análisis de datos (Laurence Bardin), se destacaron tres categorías de análisis: práctica cotidiana, ruptura y experiencia como aprendizaje. La investigación demostró que existe relación entre las experiencias de vida y el desempeño profesional, ya que, a lo largo de su carrera, vivieron experiencias de ruptura, desencadenando significados que fueron y son compartidos durante el proceso pedagógico. También se destacó el potencial de la narrativa de la experiencia como posibilidad pedagógica de vinculación, afecto y confianza.

**Palabras clave:** Educadores sociales; Experiencia; Servicio de Convivencia y Fortalecimiento de Vínculos.

## **Introdução**

Os serviços da assistência social visam dar suporte aos cidadãos em situação de vulnerabilidade social, buscando reduzir os impactos das desigualdades. É o caso do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), situado no nível de proteção social básica, junto ao qual atuam educadores sociais, sujeitos da pesquisa relatada neste artigo. Suas práticas, corporificadas no cotidiano profissional, visam fortalecer os vínculos do sujeito com seu meio, sua família e sua comunidade (Brasil, 2014). O público atendido pela política de assistência social está sob condições de vulnerabilidades<sup>1</sup> diversas, entendidas como sintomas provocados pelo sistema capitalista, produtor de exploração e das quarentenas permanentes impostas a determinados grupos sociais (Santos, 2020).

A revisão sistemática de literatura permitiu identificação de uma lacuna existente no âmbito da formação e valorização da profissão de educador social (Dias, 2018) e revelou um esforço investigativo visando compreender a atuação e a formação dos educadores e das educadoras sociais a partir de referenciais teóricos variados. As metodologias participativas também apresentam recorrência nos estudos, evidenciando o caráter dialógico das pesquisas no campo da educação popular e social.

As lacunas percebidas emergem da análise de um pequeno universo de trabalhos dedicados a estudar a experiência de vida dos educadores sociais e sua relação com o cotidiano profissional e a formação, justificando a pesquisa. A revisão sistemática de literatura também evidenciou a fragilidade da qualificação profissional dos educadores sociais, a qual pode comprometer aspectos fundamentais para o processo educativo, tais como competência profissional e autoridade docente, ambas imbricadas no fazer cotidiano da educação social.

A ênfase deste estudo consiste em investigar as experiências de vida e suas possíveis relações/reverberações/sentidos manifestados no cotidiano profissional, incluindo a percepção dos educadores e educadoras sociais sobre suas práticas e seu processo formativo. Buscou-se obter narrativas que pudessem contribuir para entender de que maneira o cotidiano, a convivência e as experiências da trajetória de vida dos entrevistados torna-os educadores e educadores sociais. Concomitantemente, pretendeu-se evidenciar a motivação para o trabalho desenvolvido nos SCFV's, considerando as seguintes indagações:

de onde vem o pulsar pelo trabalho de educador social e educadora social? Como tornaram-se educadores e educadoras sociais estas mulheres e este homem? Com base nos questionamentos, elencou-se como objetivo principal, investigar a relação entre as experiências de vida dos educadores e educadoras sociais com a sua atuação em Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no município de Caxias do Sul/RS<sup>ii</sup>.

Os educadores e educadoras sociais são profissionais que, em contato com outros sujeitos, relacionam-se na busca por construir um espaço de convivência sadia, saudável e comunitária. A presente pesquisa procurou então, investigar se as experiências de vida destes sujeitos atravessam seu fazer cotidiano nos SCFV's, considerando a impossibilidade de desvincular vida pessoal e atuação profissional (Souza; Contreras, 2017).

O texto está estruturado em quatro partes, incluindo esta, de caráter introdutório e contextualizador do processo investigativo, seus questionamentos e objetivos. Na sequência da introdução, apresenta os principais fundamentos conceituais que embasaram as reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa, assim como os procedimentos metodológicos adotados. A terceira parte, a mais extensa, adentra em profundidade no mundo das experiências narradas pelas educadoras sociais, sujeitos da pesquisa. Expõe suas narrativas e as analisa, destacando aspectos fundamentais para os propósitos da pesquisa por meio da categorização. Finalizando, as considerações finais reúnem, na forma de uma síntese construtiva, os achados obtidos ao longo de todo o processo, com ênfase na relação entre experiências de vida, atuação e formação profissional das educadoras(es) sociais.

### **Fundamentos conceituais e metodológicos da pesquisa**

Os principais fundamentos conceituais adotados ao longo da pesquisa foram: experiência, intersubjetividade e formação permanente. Como um sujeito da experiência entende-se aquele que suporta ficar entre a passividade e atividade, ou, talvez, um sujeito cuja dualidade encontra-se superada:

Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (Larrosa, 2011b, p 21).

A experiência, portanto, é o que nos passa, atravessa, transforma, não deixando com que o sujeito permaneça idêntico ao que era antes da experiência. Acontece a partir da sua abertura para vivenciar a própria mudança, pois, na medida em que vivencia a experiência de

*Tornar-se educador e educadora social: a relação entre as experiências vividas e o cotidiano profissional em SCFV*

algo, vivencia, automaticamente, a experiência da própria transformação (Larrosa, 2011a). A experiência é subjetiva, intransferível e polissêmica, tendo como ferramenta de expressão a linguagem, que permite-nos nomear explicações e interpretações provisórias acerca da mesma, possibilitando conhecermo-nos enquanto vivemos. A possibilidade de nos “afastarmos” da experiência vivida para refletir é posterior a apreensão da experiência enquanto representação e memória. Logo, a reflexão está para a *experiência* como algo racional e cognitivo, enquanto que a experiência, revela-se no presente aquilo que é - irrepresentável, única, singular, imprevisível, indizível.

A narrativa da experiência pode ser um exercício de aprendizagem acerca do processo formativo dos educadores e educadoras, na perspectiva de formação permanente, abordada por Freire (1996). A partilha, o diálogo sobre a experiência apresentam-se como elementos fundamentais para o conhecimento dos educadores a partir de si mesmos, enquanto sujeitos que estão a constituir-se como sujeitos-educadores sociais. A complexidade manifestada na construção da subjetividade se expressa em variadas esferas: no contato com o ambiente, por meio da linguagem, no diálogo, na construção do conhecimento como consciência de si e do mundo (Mädche, 1998). A relação dialógica possui um caráter de alteridade, na medida em que compreende a diferença como elemento fundamental da intersubjetividade. É na relação com o outro que o eu se compreende, conhece e se identifica; sem o outro não haveria possibilidade de diferenciação, portanto, não haveria um eu.

É também no campo da intersubjetividade que se manifestam as repercussões das experiências vividas pelos sujeitos e as marcas da convivência. A maneira como o sujeito percebe e compreende a realidade tem a ver com as experiências que vivenciou ao longo de sua trajetória, às vezes profundas, traumáticas, às vezes cotidianas e diluídas na convivência. A intersubjetividade consiste no movimento que se dá entre os sujeitos acerca da expressão da compreensão que elaboram sobre como vivenciam o mundo e/ou como podem vivenciá-lo, logo, “explorar mediações de sentido, relações dialógicas e ações de afetação humana é assunto de uma história engajada com a capacidade ontológica dos sujeitos em ser sempre mais” (Rodríguez, 2019, p. 147).

As educadoras e os educadores sociais constituem-se e transformam-se, constantemente, em seus fazeres diários, pelas relações vivenciadas e seus sentidos, sob os quais as subjetividades encontram-se. São profissionais rodeados de outros sujeitos e, na

medida em que se relacionam com estes outros, vão compondo-se a partir de seu inacabamento. Para nomear esse processo de constante construção e reinvenção do fazer educativo mediado pela reflexão sobre a prática, Paulo Freire (1996) utiliza a expressão educação permanente. Trata-se de considerar um processo formativo que se estende por toda a trajetória dos sujeitos, não apenas pelo período de um curso ou formação acadêmica.

Entende-se como formação permanente a costura de diversas experiências, ligadas ao ambiente profissional e também fora dele. Incluem-se a vivência do cotidiano com seus desafios, os ensinamentos inerentes à relação com outras pessoas, a compreensão acerca do próprio fazer e da identidade do educador enquanto sujeito de sua própria história. A formação permanente prioriza as reflexões, temáticas e necessidades dos envolvidos, estimulando a elaboração de soluções orgânicas ao contexto profissional. Contrapõe-se a ideia de que um profissional “de fora” compreenderá de maneira mais abrangente a situação, a partir de uma abordagem especialista (Borges, 2010). A postura do especialista substitui a postura do sujeito da experiência, aquele que experimenta e entrega-se ao seu cotidiano para dele conhecer a realidade. Pelo contrário, a abordagem especialista é anti-experiência (Larrosa, 2018) pois propõe soluções a priori, sem necessariamente compreender o processo vivenciado desde o seu interior.

A escuta da narrativa de vida dos educadores e educadoras sociais deu-se através da metodologia de entrevistas narrativas, com embasamento em Berteaux (2010), Galvão (2002) e Clandinin e Connelly (2015), os quais abordam a metodologia em perspectivas que se complementam e dialogam entre si. De forma complementar, foram realizadas análises documentais em fontes e documentos oficiais da área da assistência social a nível nacional, estadual e regional, com o propósito de compreender a atuação dos educadores e educadoras sociais, bem como seu processo formativo.

A opção metodológica pela entrevista narrativa considerou uma polissemia de subjetividades, inerentemente inclusas no processo de formação, atuação e reflexão acerca da prática das educadoras e educadores sociais (Rendón, 2021). As entrevistas foram realizadas com 4 educadoras e 1 educador social atuantes em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da cidade de Caxias do Sul<sup>iii</sup>, considerando como critérios o interesse pela temática e a disponibilidade para serem entrevistados. As entrevistas foram realizadas no próprio local de trabalho dos entrevistados, individualmente, tendo como

*Tornar-se educador e educadora social: a relação entre as experiências vividas e o cotidiano profissional em SCFV*

tempo máximo previsto duas horas de duração, o qual não foi inteiramente utilizado. Foram gravadas e posteriormente transcritas em inteiro teor, permitindo emergir categorias organizadoras dos temas recorrentes na fala dos entrevistados. A análise do conteúdo das entrevistas foi fundamentada em Bardin (2016).

**Sujeitos e suas narrativas: experiências, aprendizagens e rupturas**

Escutar a narrativa do outro é um exercício de compreensão a partir de sua incompletude e historicidade. A fala do outro é carregada não apenas daquilo que lhe aconteceu, mas também de suas impressões, suas memórias, a história do seu tempo compreendida a partir dos recursos materiais e simbólicos disponíveis, juntamente com toda a carga emocional que estes sentidos evocam. A pesquisa que se utiliza da narrativa, visando compreender a experiência, situa-se numa ótica fenomenológica e existencial. Significa reconhecer que a relação pesquisador-pesquisado acontece na dimensão da experiência de ambos, transcendendo os papéis destinados a esses sujeitos na pesquisa científica tradicional. A experiência comporta um trabalho de elaboração do vivido, cujo sentido se completa ao ser comunicado, transmitido (Rossi, 2010, p. 35).

Rogério, 32 anos, é natural de Nova Prata/RS, local onde vivenciou sua infância e juventude, até decidir partir para a cidade vizinha, Farroupilha/RS, de modo a vivenciar uma experiência diferente: o Seminário. Concluiu o ensino fundamental e médio na instituição e seguiu seus estudos, graduando-se em Filosofia e Teologia. Sua trajetória no seminário o inseriu no trabalho social com crianças e adolescentes. A motivação em dar continuidade neste trabalho se dava na medida em que ele percebia que suas ações poderiam mudar o cenário daqueles sujeitos. Atraído por mudança, optou por desligar-se do seminário, rompendo com sacerdócio. Sentia vontade de estabelecer outros vínculos, de formar uma família e tal decisão o conduziu para uma busca profissional que permitisse liberdade nas relações. O SCFV ofereceu essa oportunidade de seguir com seu propósito profissional, atuando na área de informática e educação ambiental. Rogério acredita que aprendeu a ser educador social em seu cotidiano, nos fazeres e na relação com seus colegas de trabalho, além das vivências com as crianças e adolescentes.

Rosita, 20 anos, é natural de Caxias do Sul/RS. Quando criança, frequentou projetos sociais semelhantes aos quais atua como educadora social. Sua rotina de trabalho envolve acordar às 5h da manhã, todos os dias, para chegar ao SCFV e vivenciar com as crianças e

adolescentes atividades nas áreas de teatro e dança. A dança possui um lugar privilegiado em sua trajetória de vida pois foi um ponto de encontro dela consigo mesma. A convivência com sua família, entre presenças e faltas, a fez perceber lacunas sociais no modo como ela e sua família viviam, diferenças significativas as quais não foram esquecidas. Atuando no SCFV, compreendeu a importância de acolher as crianças e adolescentes em suas situações sempre peculiares, mas também socialmente semelhantes. Os elementos mais importantes para ela, na prática como educadora social, são o acolhimento e a escuta, os quais ela não recebeu quando necessário, em sua infância e juventude. Manifesta o desejo de legitimar as emoções, as experiências e a trajetória das crianças e adolescentes, como sujeitos da própria história.

Laiane, 32 anos, é natural de Caxias do Sul, e manifestou não possuir identificação pessoal no trabalho com crianças e adolescentes. Porém, ao longo de sua trajetória acabou por desenvolver um percurso profissional na área da assistência social, com este público. Graduou-se em educação física, área na qual exerce atividades atualmente no SCFV. Em seu cotidiano profissional, valoriza a troca de experiências e considera que estas são as verdadeiras possibilidades de aprendizagem significativa. Havendo confiança, escuta e pertencimento as experiências compartilhadas por ela e os adolescentes encontram um terreno fértil para aprender lições de cuidado, responsabilidade, liberdade, limites e transformação. Considera que a sua trajetória como educadora social está se construindo, ou seja, é contínua, permanente, sobretudo a partir da observação de outros educadores e da própria prática cotidiana, com as crianças e adolescentes. As experiências também são consideradas importantes na sua formação, pois, a partir de um episódio de perda, sofreu uma ruptura importante em seu modo de perceber a vida.

As transformações provocadas pela perda movimentaram as reflexões e as ações que se sucederam e contribuíram para o crescimento pessoal e profissional de Laiane. Como possível “resultado” deste longo e permanente processo de transformação, a empatia surgiu como a possibilidade de olhar para o outro e legitimar suas dores, suas dificuldades e oferecer ajuda, apoio nas adversidades. Uma visão ampla de outras realidades foi construindo-se a partir da abertura que a perda gerou, dando significado a situações que antes não geravam os sentidos que agora são possíveis de serem criados.

Sabrina, 31 anos, é natural de Vacaria/RS, e sempre viveu em comunidades, fato que marca sua história familiar e pessoal com traços de batalha e resiliência. Iniciou sua trajetória

*Tornar-se educador e educadora social: a relação entre as experiências vividas e o cotidiano profissional em SCFV*

profissional ainda adolescente, vendo-se de certa maneira condicionada a abandonar ou “deixar para depois” alguns sonhos os quais mais tarde iria encontrar em sua vida, de outra forma. Trilhou seu caminho profissional de modo a buscar sustento e após desencontrar-se em outras áreas, graduou-se em serviço social, o que lhe possibilitou atuar como educadora social. Seu trabalho no SCFV abrange expressões artísticas como grafite, desenho e música, sendo o desenho uma vontade que pode ser revisitada depois de um longo período de afastamento. O cotidiano profissional da educadora envolve diálogo e incentivo com as crianças e adolescentes, principalmente no que se refere aos sonhos, desejos e vontades que tantas vezes se afastam de carreiras que “dão dinheiro” ou parecem promissoras aos olhos dos adultos. Destaca a tentativa de fortalecimento da autoestima e do empoderamento dos sujeitos, na medida em que identifica ter vivenciado uma relação abusiva e tóxica, desejando evitar que o mesmo aconteça com outras crianças e adolescentes.

Muriel é uma mulher de 23 anos, natural de Caxias do Sul/RS e acredita, firmemente, não ter vindo ao mundo à toa. Se descreve como uma sonhadora de mudar a vida das pessoas, característica que a levou a profissão de educadora social. Atua nas áreas de literatura e artes, buscando linguagens que dialogam com a perspectiva marginal de existência. A escrita é uma expressão que a aproxima das crianças e adolescentes, por seu caráter livre e catártico. Sua formação envolve a área da educação em Pedagogia e magistério. A primeira não foi concluída e a segunda está em processo de conclusão, representando duas vivências significativas para Muriel no sentido da potência de questionamento que as mesmas produziram, abordando principalmente quais vertentes de educação faziam sentido ou não para ela. Acredita que a formação para se tornar educadora social é a prática e a inteireza com as crianças e adolescentes, mais do que teorias.

A trajetória de vida da educadora evidencia um senso crítico em relação ao sistema capitalista, por diversas experiências vivenciadas, incluindo um período especialmente exposto à barbárie, como pessoa em situação de rua. As experiências de preconceito e racismo foram significadas por ela de modo a estabelecer proximidade com a situação das crianças e adolescentes atendidos pelo SCFV, compondo um mesmo conjunto social do qual acredita fazer parte.

O grupo diverso aqui descrito demonstrou-se, em vários momentos, um coletivo de parceria, respeito e engajamento. As singularidades de cada relato, sua entonação, a relação

de escuta estabelecida com cada sujeito, fizeram com que o processo de categorização fosse complexo, lento e cuidadoso. As aproximações temáticas foram construídas a partir da transcrição das entrevistas, seguida de leitura e releitura para análise compreensiva, resultando nas seguintes categorias de análise: 1) O cotidiano da prática e da formação, 2) Ruptura e 3) Experiência como aprendizagem.

As narrativas foram evidenciando percepções sobre como os entrevistados compreendem sua prática profissional, envolvendo diferentes pontos de vista acerca do trabalho com educação social. Tal prática envolve o fortalecimento do vínculo entre a sociedade e os sujeitos marginalizados, a promoção da reflexão acerca da vulnerabilidade social e possibilidades de mudança. Conforme Sabrina: a função [do educador social] é mostrar pra eles o quanto eles são capazes, [...], o quanto eles têm direitos e que muitas vezes eles são violados nesses direitos. O quanto, muitas vezes, a família deles também é vulnerável né. O quanto eles também sofrem.

Sabrina demonstra uma percepção sensível ao contexto em que as crianças e adolescentes estão envolvidos, buscando não os segregar da família e da situação que vivem e problematizando a situação vivenciada. Evidencia a compreensão do papel político de “dar voz” às famílias, crianças e adolescentes inseridos nas mesmas e dos direitos que, cotidianamente, são violados como um mecanismo de opressão por parte do estado e, por vezes, da própria sociedade que perpetua o preconceito racial, econômico e social.

Muriel nutre uma perspectiva semelhante no que tange a dimensão política de seu fazer como educadora social:

*Eu acredito que é fortalecer esse vínculo entre sociedade e nós, assim, de você poder inserir essas crianças na sociedade que a gente vive. [...] Eu acho que a parte mais importante do Serviço e da construção do educador social é mostrar que a sociedade lá fora também não é um morango, mas ela também não é tão ruim.*

Destaca o distanciamento entre as comunidades periféricas e a sociedade que não está em situação de vulnerabilidade, ou seja, uma parcela da sociedade que possui sua sobrevivência mais ou menos “garantida” em suas necessidades básicas como alimentação, saneamento básico, cidadania e moradia. Tal distância se manifesta como preconceito racial, social e econômico, que atua na dimensão desumanizadora dos sujeitos e possui como horizonte uma sociedade-objeto profundamente ligada ao modo como seus sujeitos são

*Tornar-se educador e educadora social: a relação entre as experiências vividas e o cotidiano profissional em SCFV*

tratados.

As narrativas revelam uma perspectiva que compreende a prática profissional do educador social voltada para o compartilhamento de experiências vivenciadas pelos profissionais e escuta ativa das crianças e adolescentes, além do acolhimento das necessidades emocionais dos cidadãos usuários. Constata-se que o diálogo é o grande mediador para a construção de relações saudáveis e acolhedoras no SCFV, sendo parte inerente da prática profissional. A potência de dialogar com as crianças e adolescentes encontra-se no vínculo criado a partir do mesmo, sendo parte fundamental do cotidiano.

Rogério apresenta sua construção profissional com uma narrativa bastante marcada pela motivação em fazer um trabalho com amor, no qual ele pudesse fazer a diferença na vida das crianças e adolescentes:

*Por que essa vontade? Por que isso me motiva? Porque realmente tu vendo todas essas situações e isso te comove né, pra mim comoveu bastante. [...] Mesmo saindo do seminário eu quis continuar essa mesma, eu digo profissão, mas uma profissão realizada com amor. Então isso eu também procuro trazer, coisas que vivi e que eu cresci, mas que trago pra eles aprenderem e verem que sim, é possível a gente mudar.*

Acompanhar as crianças e adolescentes nas próprias trajetórias motiva o educador a dar seguimento em seu trabalho. Em sua percepção há possibilidade de mudança na situação de cada um deles e o processo educativo desencadeado pelo trabalho no SCFV é uma delas.

Os relatos trouxeram uma polissemia de compreensões sobre o que é ser educador social e como sua prática se configura. Não houve evidências de que os educadores se compreendem como apenas mediadores de vínculo com a sociedade ou somente “ouvintes”. As narrativas expressaram um fazer complexo, mediado pela relação com cada criança e adolescente em sua subjetividade<sup>iv</sup>, além da relação dos educadores com os grupos, que configura uma relação outra, *singular*.

O cotidiano no SCFV, dependendo da forma como é concebido, pode ser um espaço escolarizado, marcado pela cobrança e rigidez, mas quando construído em equipe, com responsabilidade e sensibilidade, também pode ser um espaço de escuta, de vínculo e de afeto. Afeto e vínculo que não podem ser estabelecidos em um tempo pré-determinado por uma oficina ou atividade planejada, embora estas também sejam oportunidades de convivência. Compreende-se que a possibilidade da experiência está ligada à construção de

um ambiente sensível, flexível e exposto às mudanças do cotidiano, pois “não está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão”. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, exposição (Larrosa, 2011a).

O cotidiano no SCFV em que a pesquisa foi realizada demonstra-se um contexto favorável à experiência, pois, na mesma medida em que se organiza para cumprir as objetividades do trabalho pedagógico e social, abre-se para o acolhimento, a pausa, o silêncio. O cotidiano, narrado pelos sujeitos de pesquisa como contexto e como também como um processo, demonstrou-se alinhado às narrativas sobre o que é a sua prática profissional, evidenciando que há uma coerência entre o que tais sujeitos consideram ser a função do educador social com a realidade que criam e vivenciam no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

A ruptura remete à compreensão das(os) educadoras(es) acerca de suas *experiências* de vida, além do sentido que os mesmos atribuíram para elas, ao longo de sua trajetória. A narrativa da experiência demonstrou-se um momento de escuta peculiar em relação ao “todo” da entrevista narrativa, pois os participantes pareciam deslocar-se para um outro tipo de fala, mais sensibilizada e com evidente carga afetiva. Quando convidados a narrar uma experiência pontual de suas vidas, à qual de alguma forma os transformou ou modificou, os sujeitos precisaram de um tempo para recordar, pensar e então falar a respeito. Esta categoria, em especial, suscitou reações emotivas e sensibilizaram os entrevistados, demandando uma postura de acolhimento e sensibilidade.

Laiane vivenciou a morte de seu pai no mesmo período em que iniciou sua atuação na área da educação social, evidenciando a experiência vivida como perda de uma pessoa de referência, com a qual ela podia contar: “Eu sempre fui a pessoa protegida, sabe? Nada me abalava porque eu sei que meu pai era um escudo pra mim, então, por mais que eu ficasse mal, ele ia dar um jeito, sabe?”

A ausência a conduziu em um processo de luto que aos poucos foi ressignificando-se como autonomia, percebido como importante em sua trajetória. O sentimento de desamparo a sensibilizou para suas próprias necessidades pessoais, às quais eram atendidas ou auxiliadas pelo pai. Parece haver em seu processo de elaboração do luto, uma tomada de consciência acerca de sua própria existência, sua postura diante da vida à qual, segundo a educadora, carecia de autonomia e responsabilidade. A relação do pai com a filha parece ter estabelecido

*Tornar-se educador e educadora social: a relação entre as experiências vividas e o cotidiano profissional em SCFV*

um vínculo seguro de afetividade que foi significado por Laiane como um laço que não se rompe com a morte. O crescimento e amadurecimento pessoal foram desencadeados, portanto, a partir de uma falta que se fez presença enquanto afetividade e memória.

A experiência da ruptura encontra ressonância na trajetória de Rogério, que aponta para o rompimento com o seu percurso no seminário movido pelo desejo de criar uma família e ter filhos. O educador nos fala sobre o processo que vivenciou até desligar-se do seminário, o qual envolveu muita reflexão e tempo, na medida em que o desligamento não se deu rapidamente. A decisão modificou seu modo de vida e a percepção sobre si mesmo, inicialmente pela mudança radical depois de 13 anos no ambiente do seminário e também pelos questionamentos que a decisão mobilizou nele e nas pessoas ao seu redor.

O processo de relacionar-se afetivamente, segundo Rogério, trouxe realização em sua vida pessoal, evidenciando que o trabalho com a assistência social não era necessariamente uma motivação pessoal dele somente enquanto estava no seminário, pois o educador optou por dar seguimento na mesma área após o rompimento com a atuação no seminário. O processo de ruptura não apenas “abriu” espaço para que ele pudesse relacionar-se e criar sua própria família, mas demonstrou o que de fato o motivava no Seminário: a atuação com crianças e adolescentes, na área da assistência social. A partir da ruptura, Rogério significou a trajetória como um importante momento em sua vida que o conduziu a entender aquilo que desejava, podendo hoje realizar seu trabalho no SCFV.

Rosita elege como uma experiência marcante em sua trajetória de vida a primeira vez que participou de um espetáculo de dança, mais precisamente, no momento em que subiu no palco. Ela narra a importância de tal momento:

*Foi esse momento de palco, de sentir esse nervosismo. [...] De entrar e dizer assim: Esse aqui é o meu momento de ir lá e fazer o que eu gosto. [...] Dançar pra mim e subir num palco é essa sensação gostosa, sabe? [...] É aquele momento de, ao redor pode tá uma loucura, mas esse aqui é o momento de calma. [...] É quando eu sei que eu to fazendo aquilo que pra mim é algo leve, não é algo mecânico, robótico, sabe? Subir no palco e fazer aquilo que eu sinto que nasci, de certa forma, pra fazer.*

A educadora atribui um sentido de pertencimento à prática da dança, na medida em que uma parte de sua vida é marcada por esta linguagem artística, inclusive ligando-a ao SCFV como usuária. O sentido atribuído por Rosita à apresentação de dança, envolve seu próprio

processo de desenvolvimento pessoal, para o qual ela direciona o olhar e consegue refletir. Rosita relaciona ainda, dois momentos de sua vida quando convidada a falar de experiência: o momento atual e a infância. Na infância, questionava-se quando teria a oportunidade de ser forte, de “dar conta” das situações que enfrentava - vulnerabilidade social e ausência paterna -, embora não se considerasse capaz para tal situação. A partir da frustração e da falta, surgiram outras possibilidades que vieram justamente com a dança e arte, através do SCFV, lugar em que se sentia ouvida e que proporcionou outros caminhos para sua vida.

Sabrina narra como uma experiência marcante em sua trajetória de vida a separação que vivenciou em um relacionamento afetivo abusivo, durante a adolescência. Ela atribui o sentido de superação a partir do rompimento com este relacionamento que a fazia sentir mal e a paralisava, pois sentia-se cerceada, fazendo coisas com as quais não se sentia à vontade, além de sentir-se solitária com a falta de amigos. Após a experiência, o que ficou foi a necessidade de não “estacionar” a sua vida por outras pessoas, deixando de atender às expectativas externas sobre ela mesma.

Relata ainda uma outra experiência que diz respeito a sua atuação profissional, mais especificamente ao momento de sua formatura. Sua mãe ficou muito desapontada quando ela repetiu de ano, no segundo ano do ensino médio, dizendo a ela que somente através do estudo ela seria “alguém”, logo, quando ela conseguiu graduar-se em Serviço Social, demonstrou-se importante para ela dar uma devolutiva à sua mãe, reforçando o que já havia dito: que ela conseguiria. A partir da narrativa de sua mãe, Sabrina está diante de um “não ser” que somente seria validado com o cumprimento de uma expectativa alheia. Apesar de cumprir com tal expectativa, a educadora demonstra ter encontrado sua própria forma de tornar-se sujeito de sua própria história, abdicando da necessidade de aprovação.

Muriel, quando questionada sobre uma experiência marcante de sua vida, relata que não consegue definir um momento em especial, mas sim momentos em que ela foi admirada pelas crianças. Suas vivências relacionadas ao período em que morou na rua produziram uma visão de mundo em que há desvalorização de sua imagem e de quem ela é. No entanto, no SCFV e nos ambientes em que ela atua, há uma outra percepção direcionada a ela, que envolve admiração, vínculo, afeto. Tais percepções são uma experiência que aconteceu por tempo indeterminado, mas que marcaram e seguem marcando Muriel no sentido de uma outra percepção sobre si mesma. A relação e o vínculo com as crianças foram manifestados

*Tornar-se educador e educadora social: a relação entre as experiências vividas e o cotidiano profissional em SCFV*

como uma experiência, por Muriel.

A narrativa de Muriel demonstra um esforço em romper discursos de opressão e desvalorização da população marginalizada com quem atua, numa tentativa de reforçar suas potencialidades. Encontra-se na fala de Muriel, portanto, a ruptura, não no sentido atribuído pela educadora em sua elegida experiência, mas como um contexto de atuação, um elemento sob o qual a educadora ancora-se para constituir-se como educadora social que acredita nas pessoas como pessoas e não coisas.

As experiências narradas foram se revelando como momentos em que há suspensão na cotidianidade, uma imposição de pausa e de posterior reflexão ou criação de sentido. Pode-se afirmar que a experiência ou o sentido criado desde seu acontecimento nos ensinam? A narrativa dos entrevistados converge para uma resposta afirmativa. Aprender com a experiência diz respeito a dar espaço ao vivido, enquanto memória viva e autônoma. Não é possível vivenciar ou compreender integralmente o que foi vivenciado pelo outro, mas há a possibilidade de sensibilização a partir da escuta, num processo intersubjetivo entre aquilo que foi vivenciado e como pode ser apreendido enquanto sentido ou significação na vida do outro.

Nas narrativas tornou-se evidente que os educadores compreendem o sentido da experiência como um “provocador” de aprendizagem para eles mesmos, trazendo diversas consequências em suas vidas, como repertório emocional, tomada de decisões, transição de carreira, empatia e autonomia. A narrativa das aprendizagens e da experiência vivida é também uma oportunidade de criação de vínculo com as crianças e adolescentes, no sentido de que quando há espaço para o educador falar de si, há um espaço para ele “morar” um pouco em cada criança e adolescente, saindo de si mesmo e podendo afetar o outro, num processo de consciência recíproca (Mädche, 1998). Há também a chance de ouvir-se, de reconectar sentidos esquecidos ou retomar antigos desejos na possibilidade de concretizá-los.

### **Considerações finais**

O processo de categorização demonstrou-se complexo, pois as narrativas da experiência envolveram, também, narrativas sobre a atuação profissional, encharcadas de vida pessoal. A influência dos aspectos pessoais e profissionais esteve evidente desde a escuta, no momento das entrevistas. Aos poucos, a análise foi possibilitando costurar este

emaranhado de narrativas em uma estética possível de ser compreendida pelos leitores.

Em geral, os entrevistados consideram a função de educador social como distinta em relação ao educador da escola, voltando-se muito mais para a dimensão relacional do processo educativo, o qual, segundo as narrativas demonstrou-se potencialmente intersubjetivo (Mädche, 1998). As linguagens artísticas foram as principais ferramentas elencadas para mediar tal processo, juntamente com o diálogo. Foi observado que a escolha da atuação profissional possui relação com história de vida dos sujeitos, que em seu processo de desenvolvimento pessoal demonstraram o interesse por atuar com educação, alinhando-se à dimensão social desta área, além da inerente ligação com a assistência social que profissão possui.

A atuação do educador social, a partir das narrativas, está relacionada à convivência e reflexão acerca do que é vivido pelos usuários do SCFV, através da relação estabelecida entre os membros presentes no próprio serviço. A análise das narrativas evidenciou que as experiências pessoais influenciam na atuação profissional, facilitando a convivência e a relação de educadoras(es) com os cidadãos usuários do SCFV. Foram observados elementos emocionais significativos para a atuação advindos do sentido atribuído pela experiência vivida, os quais interferem na relação estabelecida com as crianças e adolescentes, tais como empatia, sensibilidade, incentivo e diálogo.

Os mesmos dialogam com a proposta socioeducativa do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos que busca, sobretudo, estabelecer um espaço de convivência saudável entre os cidadãos usuários, com a família e com a sociedade. O caráter dialógico da prática permite aos educadores e educadoras sociais estabelecer vínculos e propor reflexões para os grupos, de modo a incentivar os sujeitos a *serem mais*, enfrentando a condição de vulnerabilidade vivenciada. A empatia permeou a narrativa das educadoras e educadores sociais como um todo, apresentando-se como princípio essencial para a sensibilização em relação ao outro, um convite à relação intersubjetiva. O incentivo manifestado pelos sujeitos de pesquisa surge como uma abertura aos sonhos e desejos das crianças e adolescentes em relação às possibilidades de mudança e transformação, reforçando o caráter humanizador das práticas vivenciadas no SCFV.

*Aprender na experiência difere-se do aprender na prática.* Enquanto a experiência está associada à vivência do sentido criado pela subjetividade de cada indivíduo, a prática diz

*Tornar-se educador e educadora social: a relação entre as experiências vividas e o cotidiano profissional em SCFV*

respeito a uma função já pré-determinada. O *aprender pela experiência* demonstrou-se relevante, pois estabelece um elo entre a história de vida - e seus sentidos - dos sujeitos de pesquisa e dos cidadãos usuários, reforçando a intersubjetividade a partir da sensibilidade e da abertura ao outro. Concluiu-se, de modo inaugural e incompleto, que a formação e a prática profissional de educadoras(es) sociais está relacionada a ferramentas pedagógicas que dialogam com suas preferências, experiências e histórias de vida.

Evidenciou-se a presença de um elemento unificador em todas as experiências narradas, que resultou na segunda categoria de análise: a ruptura. Em todas as experiências identificou-se um antes e um depois, uma mudança de perspectiva geradora de sentido de transformação, significando um processo de pausa e conseqüente transformação pessoal na vida dos sujeitos. O sentido vivenciado a partir da *ruptura* é justamente a possibilidade de *ser mais*, ser outro e de alguma forma, sobreviver subjetivamente aos acontecimentos da vida em sua dimensão mais incompleta e inconstante. Romper está associado, portanto, a vivenciar uma transformação pessoal que pode estender-se ao outro através da partilha, da narrativa e da intersubjetividade.

A ruptura foi significada pelos sujeitos como um marco de vida, ou seja, um momento que possui relevância maior do que o cotidiano. A dimensão do sentido da experiência expande-se quando é compartilhada em um processo intersubjetivo, pois cria-se um ambiente de atenção, confiança e empatia. A narrativa dos educadores e educadoras sociais reforçou a dimensão emocional das aprendizagens construídas a partir da experiência, facilitadoras do processo intersubjetivo vivenciado em sua atuação. O que “sobrou” da experiência não apenas os ensinou algo de si mesmos e do mundo, mas, de certo modo, influenciou a forma como atuam com as crianças e adolescentes no SCFV. A aprendizagem pela experiência, portanto, envolve o princípio de alteridade (Larrosa, 2011a) que permite ao outro permanecer outro, não curvando-se ao eu por necessidade de aprovação ou pertencimento.

A atuação de educadoras(es) sociais está, como podemos compreender, ligada à formação permanente destes sujeitos, de modo que ambas se relacionam constantemente. Atuar e tornar-se educador e educadora social é processo cotidiano, envolvendo movimentos de reflexão e ação com os usuários. A experiência de vida é constitutiva dos sujeitos da pesquisa, portanto, de sua profissionalização. A relação entre as experiências de vida com a

atuação e formação profissional de educadoras(es) sociais está associada a não fragmentação dos sujeitos em relação ao trabalho e vida pessoal, compreendo-os como seres complexos, integrais e incompletos, passíveis e expostos a experiências singulares, formadoras da subjetividade. Os sentidos atribuídos para suas experiências estabelecem elos relacionais que facilitam a convivência e o cotidiano profissional, pois derivam-se de uma abertura essencial à vida como processo imprevisível e ao outro como alteridade.

### Referências

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO, 2002

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2016.

BERTAUX, Daniel. **Narrativa de vida: a pesquisa e seus métodos.** São Paulo: Paulus, 2010.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais.** Brasília: MDS; SNAS, 2014.

BORGES, Liana da Silva. Alfabetização. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa.** Uberlândia: EDUFU, 2015.

DIAS, Santiago Pavani. **Educadoras e educadores sociais de Porto Alegre em busca de reconhecimento.** 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Estrutura da FAS.** Disponível em: <https://fas.caxias.rs.gov.br/index.php/estrutura-da-fas/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-245, 2002.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011a.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011b.

*Tornar-se educador e educadora social: a relação entre as experiências vividas e o cotidiano profissional em SCFV*

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MÄDCHE, Flávia C. **Abrindo perspectivas**: a intersubjetividade na pedagogia de Paulo Freire. Porto Alegre: DaCasa, 1998.

RENDÓN, Juan Camilo Méndez. Paulo Freire y la concepción de sujeto: consideraciones etimológicas, ontológicas y dialécticas. **Paulo Freire - Revista de Pedagogia Crítica**, Colombia, v. 25, p. 104-125, jun. 2021.

ROCHA, Juliana dos Santos; ROZEK, Marlene. A potência e a complexidade de um fazer dialógico: desafios da formação e da atuação de educadoras(es)sociais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3, p. 2411-2428, nov. 2020.

RODRÍGUEZ, Luis Fernando. **Educação popular, intersubjetividade e espiritualidade**: uma relação de memória sobre as contribuições do conceito de comunicação na obra pedagógica de paulo freire. **Pensamiento Palabra y Obra**, Colombia, v. 21, p. 142-151, jan. 2019.

ROSSI, Roberto. **A experiência e as práticas educativas dos educadores de Fé e Alegria de Cuiabá**. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SOUZA, Elizeli Faustini de; CONTRERAS, Humberto Silvano Herrera. A formação do Educador Social sob a perspectiva da Educação Integral. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 12, n. 30, p. 92-110, Jan./Abr. 2017.

---

## Notas

<sup>i</sup>A perspectiva adotada por Abramovay et al. (2002, p. 29), compreende “a vulnerabilidade como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade”.

<sup>ii</sup>A Fundação de Assistência Social instituiu-se, em Caxias do Sul, no dia 04 de janeiro de 1996, assumindo a administração da política de assistência social do município. As competências da Fundação são a coordenação geral do Sistema Municipal de Assistência Social, a elaboração e gestão da Política de Assistência Social articulada com os Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente e da Assistência Social e a organização e coordenação da Rede Municipal de Inclusão e Proteção Social. Atua através da execução de programas, serviços e projetos de assistência social como gestora e também através de parcerias e fomento com entidades não-governamentais.

---

<sup>iii</sup>No município de Caxias do Sul, localizado na região da Serra Gaúcha, estão em funcionamento trinta e três (33) SCFV's, os quais dividem-se em instituições estatais ou instituições que possuem parcerias com a FAS. O atendimento dos serviços dirige-se a três públicos-alvo: crianças e adolescentes (6 a 15 anos), jovens e adultos (18 a 59 anos) e idosos, considerando um contexto que abrange cerca de 523.716 pessoas, população do município conforme estimativa do IBGE (2021). O número de famílias cadastradas no programa Bolsa Família é de 28.057, das quais 3.162 estão vivendo na linha da pobreza e 9.444 na linha de extrema pobreza, conforme dados disponibilizados pela FAS em outubro de 2021.

<sup>iv</sup>A subjetividade é compreendida como uma produção do sujeito num processo de organização das configurações subjetivas relacionadas à experiência atual estabelecendo conexões com experiências do passado, bem como com a subjetividade social (Rocha; Rozek, 2020).

### **Sobre os autores**

#### **Sandro de Castro Pitano**

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professor do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9794-1303>

E-mail: [scpitano@gmail.com](mailto:scpitano@gmail.com)

#### **Daiane Ramos Borges**

Educadora popular, Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7646-0024>

E-mail: [drborges1@ucs.br](mailto:drborges1@ucs.br)

Recebido em: 26/04/2024

Aceito para publicação em: 05/03/2025